



Foto gentilmente cedida por Maria Lúcia Galvão, professora do Instituto de Artes da UERJ que acompanhou e registrou a palestra-performance *Fetichismos Visuais* de Canevacci (UERJ, 2008).

Das misturas e das transformações, o sincretismo como método

Isabela Frade

Desde suas primeiras publicações na década de 1980, em que se destacou no meio acadêmico brasileiro com o livro *Antropologia da Comunicação Visual*, Massimo Canevacci vem formando um vasto e diferenciado público, marcadamente nas áreas de antropologia e sociologia urbanas e comunicação social. Sua inserção na área de artes é rarefeita, fato que esta publicação visa minorar. Suas mais recentes publicações, *Culturas eXtremas* e *Fetichismos visuais*, são obras de grande vigor intelectual e se aprofundam nas questões das novas ordens (ou desordens?) visuais produzidas pelas camadas juvenis, as artes marginais (ainda? Talvez melhor fosse tratá-las como artes insurgentes...) inscritas nos corpos urbanos e de seus *surroundings* – músicas *techno*, veículos de propaganda, as celebrações *rave*, fetiches transexuais e muitas outras formas de sua expressão estética.

Da mistura de corpos eróticos e das novas formas de comunicação midiáticas, por Canevacci emerge uma nova teoria da imagem no contemporâneo. É essa que nos interessa tocar aqui, especialmente relacionando-a com o texto da tradução que se segue. Desenvolvo essas reflexões tendo em mente sobretudo aqueles estudiosos das artes que (ingênua ou maliciosamente?) ainda buscam manter o rigoroso traçado das fronteiras epistemológicas de um campo mal desenhado e numa versão quixotesca se esmeram nos ferinos ditames restritivos que rotulam o “isso não é arte” ou “aquilo não pode ser tratado como pesquisa em arte” e tantas outras fórmulas decadentes, mas certamente operantes nos territórios universitários. Desde sempre envolvida pelo ar mais fresco que circula nos âmbitos mais amplos do pensamento, paisagens arejadas e campo profícuo para as discussões democráticas – que nascem nas praças e morrem nas celas e nos calabouços –, mantenho contato com a obra desse autor, acompanhando o seu crescimento vertiginoso de intelectual que atinge esferas internacionais nas discussões sobre os vetores mais potentes das imagens produzidas nas arenas contemporâneas.

O que mais me encanta (e me deixa estupefata, para usar seu próprio termo) é que, em sua maturidade plena, Canevacci corajosamente se abre a múltiplos experimentos e inovações metodológicas, sempre em busca do contato direto com seu objeto de estudo em grande-angular – o comportamento humano. Advertência que obtemos dos grandes intelectuais (destes e de outros tempos) é que é preciso também pensar-se, e olhar-se em seu próprio exercício do pensamento. Essa qualidade de saber-se comprometido, abrindo mão dos elogios fáceis e dos cômodos circuitos do criticismo moralizante, é uma das forças de seu trabalho. Correndo riscos ao expor até seus íntimos devaneios, colocando-se como alvo fácil das análises superficiais e apressadas, Canevacci retira daí sua energia para novas investidas. Recentemente, em uma das suas apresentações públicas, ele pacientemente explicava a autoexigência em inovar seu repertório e criar novas condições de diálogo nos recintos acadêmicos. “É preciso pensar nas transformações e senti-las... é preciso um novo discurso, um novo modo de tratá-las e de apresentá-las.” O pequeno e instigante texto *Transculturalidade, Interculturalidade e Sincre-*

tismo, ainda inédito na própria Itália, lugar explicitado de seu destino, cabe aqui como uma provocação, uma autoexegese do pensador de uma antropologia das novas configurações metropolitanas.

Canevacci explora esses lugares que brotam com energia das comunicações mais restritas aos coletivos juvenis e que se estendem e envolvem, em múltiplos circuitos e em última instância, toda a rede planetária. Um pensamento mutante, uma postura aberta, um comportamento arriscado, mas nem por isso menos denso ou pouco potente, concentrado em seu propósito de capturar as misturas e transgressões, de pensá-las com vigor. Para tanto, Massimo vem desenvolvendo um glossário com possibilidades de intercessão e de confluência – cada qual se origina de um mesmo movimento – de abertura para a polifonia dissonante das manifestações em trânsito, para as interfaces entre seres e coisas, entre máquinas e sujeitos, entre cultura e mercado.

Há esperança de que esse texto sirva como um antídoto para os entraves teóricos do pensamento instituído e refratário a contingências e alternâncias, ao movimento dos corpos eróticos e das novas formas de inscrições das subjetividades coletivas que permanecem inaudíveis (ainda que gritem) e invisíveis (ainda que choquem) – por isso ele cede em leves gotas na delicada composição que se destaca de sua forma direta e contundente. Neste temos o Massimo em sua conversação mais suave e calma, didaticamente controlada. Mais um convite ao salto para além dos entraves do rigor acadêmico – força que resiste ao que distorce e asfixia os seres-coisas do mundo no exercício em seu poder compressor para alocar seus objetos em estreitas grades teóricas – longe de sua costumeira impaciência e antipatia que por eles nutre. Vejo aqui um convite para um passeio baudelairiano pela urbe do século XXI, o que já pregava em sua antropologia da comunicação visual: flunar, perder-se. Adentrar outros espaços sem o pré-juízo, ser capaz de assimilar as diferenças por uma atitude metodológica espontânea e criativa. Ser capaz de esquecer e abarcar as novas formações visuais em seus interstícios, os comportamentos juvenis em suas concentrações espaciais – por isso o destaque à arquitetura e aos modos de inserção em seus espaços híbridos.

Ainda que não concorde com o descarte do termo multicultural que, para mim, ao contrário, se ajusta organicamente com o seu conceito do multívíduo – para o multisujeito, muitas culturas –, percebo que essa é apenas uma estratégia para a crítica da motivação instrumental que possui e que se desloca, de modo mais sofisticado, para o modelo transcultural. Muito além do discurso científico corrente, exacerbado em seus projetos restritivos pela orientação ao carreirismo universitário, adaptado e articulado com as demandas de uma produtividade alienante, Canevacci é um pesquisador ativo que se mescla aos sujeitos em sua pesquisa, trabalhando com empatia, não por distanciamento.

Isabela Frade (UERJ, Rio de Janeiro, Brasil) é educadora, artista e pesquisadora. Coordena a linha Arte, Cognição e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Artes da UERJ e é líder do GP-CNPq Observatório de Comunicação Estética. Mantém contato com a obra de Canevacci desde 1989, quando o conheceu em Roma. / isabelafrade@gmail.com